DOI https://doi.org/10.61895/pl.v19i36.22279

O GOLPE DA GUATEMALA E A RELAÇÃO ENTRE ANTICOMUNISMO E ANTINACIONACIONALISMO NOS DEPARTAMENTOS E AGÊNCIAS GOVERNAMENTAIS DOS EUA[1]

Lauro Niehues Carrer

Universidade do Estado de Santa Catarina

E-mail: laurocarrer@gmail.com

Resumo

Em junho de 1954 ocorreu o primeiro golpe de Estado realizado pelos Estados Unidos em um país latino-americano durante a Guerra Fria, resultando na deposição do então presidente Jacobo Árbenz. Utilizando de fontes documentais governamentais, disponível através do Foreign Relations of the United States, o artigo aqui apresentado tem como problemática central, a partir da perspectiva interna dos departamentos e agências do governo dos Estados Unidos que participaram na preparação e execução do golpe, sendo eles principalmente o Departamento de Estado, a CIA e a embaixada dos Estados Unidos na Guatemala, compreender até que ponto o anticomunismo praticado por esses departamentos e agências dos EUA era realmente uma prática contra o comunismo na Guatemala, ou se era um antinacionalismo por conta das reformas sociais e econômicas que estavam ocorrendo no país.

Palavras-chave: Golpe da Guatemala. Intervencionismo estadunidense. Anticomunismo.

THE GUATEMALA COUP AND THE RELATIONSHIP BETWEEN ANTI-COMMUNISM AND ANTI-NATIONALISM IN U.S. GOVERNMENT DEPARTMENTS AND AGENCIES

Abstract

In 1954, the first coup d'état planned by the United States in a Latin American country during the Cold War occurred, resulting in the deposition of then-President Jacobo Árbenz. Using U.S. government documentary sources available through the Foreign Relations of the United States, the main question of the article here presented, is, from the internal perspective of the U.S. government departments and agencies involved in the execution of the coup, primarily the State Department, the CIA, and the U.S. Embassy in Guatemala, comprehend to what extent the anti-communism practiced by these U.S. departments and agencies was genuinely a practice against communism in Guatemala, or whether it was anti-nationalism due to the social and economic reforms occurring in the country.

Key-words: Guatemalan Coup. U.S. interventionism. Anticommunism.

[1] O presente trabalho é uma versão adaptada do segundo capítulo da minha dissertação de mestrado, publicada e defendida em 2024.

Introdução

O presente artigo busca compreender, a partir de documentos governamentais dos Estados Unidos da América, disponibilizados através do *Foreign Relations of the United States*, que datam entre 1952 e 1954, sendo eles memorandos, telegramas e relatórios, originados em sua maioria do Departamento de Estado, da CIA e da embaixada dos Estados Unidos na Guatemala, até que ponto o anticomunismo praticado por esses departamentos e agências dos EUA era realmente uma prática contra o comunismo na Guatemala, ou se era um antinacionalismo por conta das reformas sociais e econômicas que estavam ocorrendo no país. Logo, esse artigo discorrerá sobre como o anticomunismo, o antinacionalismo se relacionavam internamente nos departamentos e agências do governo dos Estados Unidos que se ocupavam da intervenção na Guatemala.

A passagem da reforma agrária no governo de Jacobo Árbenz

Os Estados Unidos, na década de 1950, eram virtualmente a única fonte de investimento privado para os países da América Central, pois o Banco Mundial havia recusado realizar, no ano de 1950, um empréstimo para a Guatemala, de acordo com Gleijeses (1989, p. 454), devido a um veto diretamente de Washington. A economia guatemalteca era majoritariamente agrária e centralizada no setor cafeeiro, sendo que a maior parte da terra se encontrava nas mãos de um grupo pequeno de donos de terra, fazendo uso de mão de obra indígena. Somado a isso, havia a presença da *United Fruit Company*, que acumulava cerca de 222 mil hectares, e que, além de plantar e exportar banana, controlava as linhas ferroviárias e telefônicas. No governo de Juan José Arévalo, no chamado período revolucionário, o Departamento de Estado dos EUA havia observado que não houve uma tomada de ação que afetasse diretamente a parte rural da Guatemala, o que englobava 80% da população do país, embora, os direitos trabalhistas adquiridos, por exemplo, geraram protestos da UFCo (Gleijeses, 1989, p. 454; Rabe, 2015, p. 37-39).

As confederações trabalhistas já haviam pedido a realização de uma reforma agrária. Em fins de 1951, o governo Árbenz contou com a atuação de três líderes comunistas, sendo eles os já identificados pelo *Federal Bureau of Investigation* (FBI) na década de 1940: José Manuel Fortuny e Victor Manuel Gutiérrez; e também Mario Silva Jonama, para o planejamento e

aplicação da reforma agrária. Entre eles, ocorriam reuniões informais semanalmente, e foi Fortuny quem escreveu o primeiro rascunho[2] da reforma agrária. À medida que Fortuny o escrevia, os artigos eram revisados pela Comissão Política do partido comunista guatemalteco: o Partido Guatemalteco do Trabalho (Gleijeses, 1989, p. 457).

Após diversas modificações, um novo grupo fora formado por Árbenz, agora com a participação de Fortuny, Gutiérrez, Carlos Manuel Pellecer e Leonardo Castillo Flores, o Secretário Geral da *Confederación Nacional Campesina de Guatemala* (CNCG), que não era comunista. Passadas diversas reuniões, o projeto da reforma agrária estava pronto e, em maio de 1952, Árbenz apresentou um programa já desenvolvido da reforma agrária que iria ocorrer no país (Gleijeses, 1989, p. 458).

A reforma agrária, portanto, foi fruto de uma colaboração entre Árbenz e as principais lideranças comunistas da Guatemala. Gleijeses (1989, p. 459) argumenta que, durante o monitoramento desse processo que levou à implementação da reforma agrária, membros do governo estadunidense sabiam da participação de deputados comunistas e de Fortuny nos debates que ocorriam no Congresso. Internamente, os oficiais do governo estadunidense concordavam que a lei abria caminho para uma extensão maior da influência comunista, podendo ser divididos em dois grupos: os que simpatizavam com a *United Fruit Company* e os que eram menos afetados pela atual situação da empresa no país (Gleijeses, 1989, p. 459). Apesar desse documento ter sido considerado radical pelos líderes dos outros partidos, não havia escolha senão apoiar o projeto de Jacobo Árbenz, pois, além de ser o líder de uma coalizão política, também era uma figura extremamente popular que representava os ideais da Revolução de 1944 (Gleijeses, 1989, p. 460).

A passagem do Decreto 900 gerou inúmeros protestos por parte da elite agrária e da *United Fruit Company*, que argumentou que esse documento visava desmantelar as operações da empresa no país e que cada acre de terra, medida utilizada no mercado estadunidense, valeria 75 dólares; porém, a empresa, que antecipou a cessão de aproximadamente 40 mil hectares, havia declarado fiscalmente, antes da aprovação da reforma, que cada acre, valeria 3 dólares. Já a administração de Árbenz planejava compensar a UFCo com um valor baseado no que a empresa havia pagado em taxas de propriedade, não se baseando no valor de 75 dólares por

[2] Segundo Gleijeses (1989, p. 457), alguns artigos foram primeiramente escritos pelo economista Guillermo Noriega Morales, que não era comunista.

acre para compensar financeiramente a empresa (Rabe, 2015, p. 40). Mesmo assim, a reforma agrária ocorrida na Guatemala, segundo Gleijeses (1989, p. 461), pode ser considerada uma reforma moderada em um molde capitalista, pois as terras que foram expropriadas eram unicamente as não cultivadas. Apesar disso, estimava-se que todo o processo de expropriação levasse no máximo até seis semanas, ocasionando uma drástica mudança no setor agrário do país. A reforma era, de fato, uma mudança radical para os padrões guatemaltecos, pois modificava uma estrutura econômica em que a maior parte das terras da Guatemala pertencia a essa elite agrária e à *United Fruit Company*, país que possuía uma economia centrada no setor agrário (Rabe, 2015, p. 40).

Após a aprovação da reforma agrária, iniciou-se a sua implementação a partir de agosto de 1952. As primeiras terras concedidas foram as que pertenciam ao governo, as chamadas "*fincas nacionales*", e logo após vieram as terras privadas, em janeiro de 1953. Em vista disso, esse processo, desde o início do que viria a ser a reforma agrária, teve a participação das principais lideranças comunistas no país. Contudo, deve-se destacar que, até a sua aprovação, o Decreto 900 passou por inúmeras modificações e por indivíduos que não eram vinculados ao pequeno movimento comunista que acontecia na Guatemala. Até junho de 1954, ou seja, o mês da deposição de Jacobo Árbenz e da instauração de uma ditadura militar sob o comando do Coronel Castillo Armas, um total aproximado de 566 mil hectares haviam sido expropriados, o que representa um sexto de todas as terras aráveis da Guatemala. E, com relação aos beneficiários, aponta-se que 138 mil famílias se beneficiaram dessa reforma (Gleijeses, 1989, p. 465).

No ano seguinte à passagem do Decreto 900, ou seja, já após o começo da expropriação das terras privadas, o *Office of Intelligence Research*[3], localizado dentro do Departamento de Estado dos EUA, discorre[4] que: "As implicações da legislação, no entanto, vão além de uma reforma agrária na medida em que provê o aparelhamento de uma base para o fortalecimento do controle político e comunista sobre a população rural."[5] Esse setor do Departamento de Estado argumenta que a "[...] implementação da lei libertaria milhares de trabalhadores rurais

[3] "Escritório de Pesquisa de Inteligência"; tradução de minha autoria.
[4] Intelligence Report Prepared in the Office of Intelligence Research, Department of State. Washington, March 5, 1953. *In*: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States*, 1952-1954: Guatemala. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 35.
[5] "The implications of the legislation, however, go beyond agrarian reform inasmuch as its provisions furnish a basis for the strengthening of political and Communist control over the rural population."; tradução de minha autoria.

de uma dependência que já perdura há séculos em relação à classe privilegiada dos donos de terra, porém, iria submeter a maioria, provavelmente, ao controle rigoroso do Estado."[6] Compreende-se, no Departamento de Estado, que na Guatemala existia uma política de exploração da terra e da população guatemalteca por parte da classe dos donos de terra, que já perdurava durante séculos, mas ainda assim, temia-se que esse Estado, tendo um "controle rigoroso" dos trabalhadores guatemaltecos, estivesse sob essa influência comunista.

Apesar de o governo dos Estados Unidos e a CIA abordarem a questão de uma influência comunista no governo guatemalteco, especialmente após a aprovação da reforma agrária no país, em um relatório[7] produzido pela CIA que conta com diversos detalhes a respeito da orientação política do próprio Árbenz, é dito[8] que, apesar de o mesmo "[...] parecer colaborar com Comunistas e extremistas em detrimento das relações entre Guatemala e Estados Unidos"[9], tem-se "quase certeza" de que ele não concorda com as ideias dos comunistas guatemaltecos e soviéticos, porém, também se tem quase certeza de que os comunistas podem fazê-lo tomar decisões que os favorecessem[10]. No mesmo documento, argumenta-se que as reformas sociais feitas por Árbenz se baseavam mais no *New Deal* dos Estados Unidos do que o comunismo soviético[11]. Pode-se, portanto, interpretar que a CIA já estava imersa nesse contexto de anticomunismo e de análise do movimento comunista na Guatemala, já considerando certa essa "infiltração comunista" no país, não importando não terem provas reais a respeito da real proximidade entre Árbenz e os comunistas guatemaltecos. Logo, nesse momento de amadurecimento dentro da CIA sobre a ideia de intervir na Guatemala, tornando-se uma "preocupação" para os interesses estadunidenses, denota-se uma possível influência e controle que os comunistas exerceriam no governo de Árbenz, o que poderia ocasionar, segundo o mesmo documento citado neste parágrafo, em um "golpe da esquerda".

---

[6] "[...] implementation of the law would free thousands of agrarian workers from a centuries-old dependence upon the privileged landholding class, but would subject the majority, in all probability, to close control by the state."; tradução de minha autoria.
[7] Central Intelligence Agency Information Report, Guatemala City, October 10, 1952. *In*: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States*, 1952-1954: Guatemala. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 27.
[8] Não se encontra disponível quem redigiu tal documento.
[9] "[...] appears to collaborate with the Communists and extremists to the detriment of Guatemala's relations with the US."; tradução de minha autoria.
[10] "I am quite certain that he personally does not agree with the economic and political ideas of the Guatemalan or Soviet Communists, and I am equally certain that he is not now in a position where they can force him to make decisions in their favor."
[11] "The President's social reform ideas stem from the US New Deal rather than from Soviet Communism."

A análise do governo estadunidense sobre o movimento comunista guatemalteco

A reforma agrária, por mais que fosse uma política com um forte viés nacionalista, além das outras políticas postas em prática durante a administração de Árbenz, tal como a alfabetização da população, ocorreu em meio a um contexto da Doutrina Truman. O governo estadunidense, embora soubesse que Jacobo Árbenz não era um comunista, estava a par que o então presidente possuía contatos que eram, e a reforma agrária, seu grande projeto, era considerado pela CIA um projeto de lei de "inspiração comunista"[12].

Em uma reunião[13], ocorrida em Nova York, o embaixador da Guatemala nos Estados Unidos, Guillermo Toriello, afirmou para o então Secretário de Estado dos EUA, Dean Acheson, que era opositor do comunismo. Essa ideia de uma Guatemala que havia sido infiltrada pelo comunismo também era propagada pela imprensa estadunidense, fato mencionado por Toriello, na mesma reunião, ao Secretário de Estado dos EUA.

A questão da propaganda anticomunista foi mencionada em outra reunião[14], ocorrida em Nova York, dessa vez entre Toriello e o embaixador dos Estados Unidos na Guatemala, Rudolph E. Schoenfeld, na qual este faz menção novamente dos comunistas guatemaltecos, abordando a viagem do ex-presidente do Congresso guatemalteco, Roberto Alvarado Fuentes, e dos já mencionados líderes comunistas que contribuíram com a reforma agrária, José Manuel Fortuny e Victor Manuel Gutiérrez, para a então "cortina de ferro", fato que foi minimizado por Toriello, que, segundo Schoenfeld:

> [...] parecia alegar que nosso parecer da situação havia sido indevidamente influenciado por infundadas histórias e rumores circulados pela oposição subversiva, disfarçados e encobertos pelo anticomunismo.[15]

---

[12] Central Intelligence Agency Information Report, Guatemala City, October 10, 1952. *In*: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States*, 1952-1954: Guatemala. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 27.

[13] Memorandum of Conversation, by the Secretary of State, New York, November 17, 1952. *In*: KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F. (orgs.) *Foreign Relations of the United States*, 1952-1954, The American Republics, Washington: Government Printing Office 1983, p. 1050-1052.

[14] Memorandum of Conversation, by Milton K. Wells, Adviser to the United States Delegation to the United Nations, New York, December 1, 1952, *In*: KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F. (orgs.) *Foreign Relations of the United States*, 1952-1954, The American Republics, Washington: Government Printing Office 1983, p. 1052-1055.

[15] "Once or twice during the conversation, Toriello urged us not to be taken in by the denunciations of the Government by the opposition. By innuendo, he seemed to allege that our estimate of the situation had been unduly influenced by wild stories and rumors circulated by the subversive opposition, disguised and cloaked by anti-communism."; tradução de minha autoria.

Concomitantemente a essas reuniões formais entre o embaixador da Guatemala nos Estados Unidos e Schoenfeld, nas quais se comentavam abertamente sobre como a visão externa da situação na Guatemala, apresentando-a como um país sob influência comunista, era prejudicial, segundo Toriello, para o próprio país, a CIA já se ocupava de monitorar a situação da Guatemala. A agência em questão analisava uma suposta interferência que os comunistas estavam realizando na administração de Árbenz, mesmo identificando que ele não era comunista, mas sim que ele estaria sendo usado por eles para uma eventual tomada do poder através de um golpe.

Em um documento[16] preparado na CIA, que tratava das "correntes atividades do governo guatemalteco",[17] discorria-se que o governo de Jacobo Árbenz "[...] embarcou em uma campanha para vender o comunismo para a população"[18] e que recentemente "eles" teriam iniciado a publicação de panfletos, e também que um livreto sobre a reforma agrária estaria sendo distribuído em Honduras e em El Salvador. Continuando, aborda-se que, em Honduras, existe um aumento das "atividades políticas"[19] da Guatemala, e que há mais de quarenta "células comunistas" em Honduras[20], e ainda que existiria um indivíduo[21] que constaria na folha de pagamento do governo guatemalteco. Observa-se, com isso, de acordo com a CIA, que essa influência comunista estaria reverberando em países que fazem fronteira com a Guatemala. Na sequência, passa-se a tratar das condições econômicas na Guatemala, que estaria "piorando a cada dia", e que o capital estaria "deixando o país" e "indo em direção ao México e aos Estados Unidos", informando que o governo guatemalteco estaria se preparando para taxar todos os materiais importados e exportados em 6%[22].

Observa-se, então, o quão importante era a questão das movimentações do governo guatemalteco nos países vizinhos, o que pode ser interpretado como uma preocupação do governo dos Estados Unidos com uma expansão do comunismo na região, a qual serviria como motivo para intervir nessa Guatemala que estava criando laços com outros grupos em outros

---

[16] Report Prepared in the Central Intelligence Agency, Washington, December 1, 1952. *In*: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States*, 1952-1954: Guatemala. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 32.
[17] "Current Activities of the Guatemalan Government"; tradução de minha autoria.
[18] "[...] has embarked on a campaign to sell communism to the people."; tradução de minha autoria.
[19] "Guatemalan political activity is on the increase."; tradução de minha autoria.
[20] "We have information that in northern Honduras there are more than forty (40) communist cells in existence."; tradução de minha autoria.
[21] Não se encontra disponibilizado o nome desse indivíduo.
[22] Ver original: "Economic conditions in Guatemala are very grave and are becoming worse every day. Capital is leaving the country. It is going to Mexico and the United States."

países da América Central, o que poderia ameaçar os interesses geopolíticos estadunidenses. Porém, de acordo com Gleijeses (1991, p. 184), o partido comunista guatemalteco, o PGT, se desenvolveu e se manteve praticamente isolado na região da América Central, já que os partidos comunistas de países próximos, como Nicarágua e El Salvador, haviam sido derrotados e não havia partido comunista em Honduras, embora o PGT mantivesse contato regular com os comunistas do México e de Cuba. O PGT e a administração de Árbenz também não tinham disponíveis os recursos para prover apoio aos grupos comunistas dos países vizinhos, porém ofereceriam um local seguro para os comunistas da região, segundo (Roniger, 2010, p. 107-108).

As informações coletadas a respeito do comunismo na Guatemala geravam interpretações que viam as políticas de Árbenz e a situação do país como sinais evidentes que confirmavam essa influência. Dessa maneira, tanto as informações trazidas por informantes, assim como as interpretações das ações tomadas pelo então presidente da Guatemala, corroboravam entre si. Ainda no mesmo memorando, discorre-se que o governo guatemalteco estaria comprando armamento que não iria para o seu Exército, mas que estavam sendo distribuídos para "forças secretas"[23]. O governo de Árbenz, portanto, estaria não só sendo influenciado pelos comunistas, como também os auxiliando em uma suposta expansão do comunismo na América Central.

Abordando o comunismo na Guatemala, o *Office of Intelligence Research*[24] do Departamento de Estado, em um relatório de inteligência, noticia[25] que os objetivos do partido comunista, o Partido Guatemalteco do Trabalho, são os seguintes: estender o controle do partido sob o trabalho; aumentar a sua "influência e infiltração" no governo "*leftist-nacionalist*"[26]; e "dominar os círculos mais radicais de intelectuais" do país[27]. Os comunistas também estariam forçando grupos progressistas em direção a reformas radicais no campo da educação, do trabalho e do setor agrário. Eles intensificariam, por meio de propaganda, a insatisfação nacionalista guatemalteca para os interesses privados dos Estados Unidos e retratariam a

[23] No original: "The Guatemalan Government has been purchasing arms which are not going to the Guatemalan army but which it is believed are being distributed to the secret forces [...]"
[24] "Escritório de Pesquisa de Inteligência"; tradução de minha autoria.
[25] Intelligence Report Prepared in the Office of Intelligence Research, Department of State, Washington, January 1, 1953. *In*: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States*, 1952-1954: Guatemala. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 33.
[26] Termo para se referir a um governo de esquerda com pautas nacionalistas, nesse caso, o governo de Jacobo Árbenz.
[27] No original: "The immediate objectives of the Communist Party of Guatemala, now the Guatemalan Labor Party (Partido Guatemalteco de Trabajo, PGT), are to extend the party's control over labor, to increase its influence in and infiltration of the leftist-nationalist government, and to dominate the more radical intellectual circles of the country."

imagem da política externa dos EUA como *imperialistic warmongers*[28,29]. Novamente, fora mencionado que os ideais nacionalistas eram utilizados pelos comunistas como ferramenta para aumentar seu alcance e, assim, conseguir maior apoio.

É possível, por consequência, observar que tanto os funcionários da CIA quanto do Departamento de Estado já identificavam que a principal preocupação para a política externa dos Estados Unidos era, de fato, a ascensão do comunismo na Guatemala. Os comunistas, segundo o próprio Departamento de Estado, possuíam táticas para realizar essa infiltração na sociedade guatemalteca. De acordo com o mesmo departamento, os principais grupos alvos eram os trabalhadores do campo e da cidade, depois, os intelectuais e a "burguesia progressista". Ressalva-se, entretanto, que, em relação ao último grupo, os sentimentos eram mistos, e havia certa desconfiança contra ele; todavia, era um grupo importante de ser convencido por conta de uma "necessidade política", devido ao núcleo da classe média do movimento nacional revolucionário, que inspirou a vida política na Guatemala desde 1944.

Os comunistas, segundo o departamento, eram poucos e, por isso, buscavam "capturar" e se "infiltrar" em lideranças organizacionais já existentes, ou até mesmo criarem suas organizações, especialmente voltadas a temas como a paz e a grupos como a juventude e as mulheres[30]. O fato de os comunistas ainda somarem um pequeno número, como foi visto, não representava, para o Departamento de Estado e para a CIA, que eles não exercessem essa grande influência no âmbito político e na sociedade guatemalteca. Toda essa influência exercida e esse "plano" de tomada da Guatemala estariam acontecendo, apesar desse fator numérico e por conta de fatores sociais e econômicos específicos da Guatemala, como a situação em que se encontrava a maior parte da população guatemalteca, apoiando-se na narrativa nacionalista da Revolução de 1944 como ferramenta de propaganda política para através do nacionalismo, realizar a infiltração do comunismo no país.

---

[28] Termo para se referir à política externa dos Estados Unidos, tratando-a como uma política imperialista e belicista.
[29] No original: "The Communists push 'progressive' Guatemalan political groups toward extreme labor, agrarian, and educational reform, intensify nationalist dissatisfaction with US private interests in Guatemala, and portray US foreign policy as the instrument of 'imperialistic warmongers'."
[30] No original: "Among groups in Guatemalan society to which the Communists especially direct themselves are urban and rural labor. Intellectuals and the 'progressive bourgeoisie' are also high on the list of targets, although the appeal to the latter is mixed with distrust and is, in part, inspired by reason of political necessity because of the middle class core of the national revolutionary movement which has inspired Guatemalan political life since 1944. Since they are few in numbers the Communists concentrate upon infiltrating and capturing existing organizational leadership, or, they may bring into existence their own front organization, especially with respect to peace, youth, and women's groups."

Nesse contexto, o governo guatemalteco estaria auxiliando os comunistas a unificarem o trabalho na Guatemala, de modo que uniram a *Confederación General de Trabajadores de Guatemala*, o CGTG, com a *Confederación de Trabajadores de América Latina* e a *World Federation of Trade Unions*, essas duas últimas sendo classificadas pelo Departamento de Estado como organizações trabalhistas comunistas. Depreende-se, com isso, que o Departamento de Estado enxergava essas organizações laborais como ferramentas a serem utilizadas pelos comunistas para encorajarem a expansão do comunismo por conta da participação de comunistas e do alcance e influência que essas organizações laborais nacionais, sob lideranças comunistas, teriam na população guatemalteca. As organizações e confederações laborais eram vistas como locais em que as ideias comunistas teriam maior penetração e adesão de seus membros, já que se os líderes de organizações que não fossem simpatizantes do comunismo seriam expulsos das mesmas, com o objetivo de controlar os comunistas dos principais sindicatos dos ferroviários e dos trabalhadores rurais.[31] Apesar da visão do Departamento do Estado de que o Partido Guatemalteco do Trabalho controlava a CGTG, segundo Gleijeses (1991, p. 191), o PGT nunca chegou a controlar a confederação em questão, sendo que cada sindicato permanecia com a sua autonomia dentro dela, destacando-se ainda que, desses sindicatos, poucos eram liderados por membros do PGT.

Um dos pontos principais para essa infiltração comunista, conforme o Departamento de Estado dos EUA, era a penetração dos comunistas no círculo governamental guatemalteco, apoiando partidos de esquerda e buscando atuar politicamente por meio dos mesmos, especialmente durante o período em que o Partido Guatemalteco do Trabalho não estava legalizado. Também os comunistas estariam procurando posições de destaque no Departamento Agrário, nas agências de propaganda e no Instituto de Segurança Social[32]. Mais uma vez, é mencionado o nome de José Manuel Fortuny, argumentando que ele havia se aproximado do presidente Jacobo Árbenz e que fora creditado por redigir o Decreto 900.[33] O Departamento de Estado discorre que o "sucesso" dos comunistas na Guatemala se deve pelo ambiente democrático, nacionalista e de esquerda, que fora suscitado pela Revolução de 1944. A situação social e econômica, ao lado do papel desempenhado pelos interesses econômicos dos Estados Unidos, foi colocada

[31] No original: "The Communists now seek to expand their control over labor by ousting non-Communist leadership from important railway and rural unions."
[32] Ver original: "Thus, they have heavily infiltrated the Social Security System, the Agrarian Department and the propaganda agencies."
[33] Ver original: "It is apparent also that Fortuny, PGT's General Secretary, has access to the inner circle of politicians who surround the President. He is credited with drafting the recently passed Agrarian Reform Law [...]."

como "munição" para os comunistas[34]. Segundo esta visão, os comunistas poderiam se utilizar do fato de o capital privado estadunidense explorar o país, suas terras e seus trabalhadores, ao mesmo tempo que a população guatemalteca vivia uma realidade com uma grande desigualdade econômica e uma alta taxa de analfabetismo que não correspondia ao lucro gerado por essas empresas estadunidenses, como propaganda política para aderir novos membros e apoiadores. Apesar disso, de acordo com o departamento, os comunistas ainda não teriam ganhado apoio substancial da população guatemalteca[35].

Jacobo Árbenz e os líderes do PGT – embora Árbenz não fosse comunista –, nutriam simpatia pelas ideias comunistas, tanto que a Guatemala abrigava ativistas e comunistas latino-americanos no seu país, e no processo de legislar a reforma agrária, contou com apoio e incentivo de diversas lideranças comunistas da Guatemala – estavam convencidos de que, eventualmente, o mundo inteiro se tornaria uma "comunidade socialista". Portanto, havia-se o pensamento de que, apesar de desejável, o comunismo não chegaria em breve, pois a Guatemala, eles acreditavam, era um país "semifeudal" e deveria, primeiramente, passar pelo estágio do capitalismo, no qual as condições materiais para o socialismo seriam desenvolvidas por meio da reforma agrária, da industrialização do país e do crescimento do proletariado. O veículo de imprensa do governo guatemalteco, o *Diario de Centro América*, embora também não escondesse sua simpatia em relação ao bloco soviético, possuía uma abordagem "neutra" com relação aos assuntos de política externa (Gleijeses, 1991, p. 147-148, 178-179).

Com isso, percebia-se uma grande diferença nas interpretações realizadas no Departamento de Estado e na CIA sobre o poder e a influência comunista; sobre o pensamento de que Árbenz e os principais nomes vinculados ao comunismo, mencionados pelo governo dos Estados Unidos, tinham a respeito da implementação do comunismo na Guatemala. No departamento em questão, em sua análise a respeito das capacidades do partido, se observava que havia provavelmente menos de mil membros no mesmo, e suas células de organização poderiam ser encontradas em sua maioria em áreas rurais, mas que, mesmo assim, a "força comunista" estaria centrada na capital do país, na Cidade da Guatemala. Os membros do partido majoritariamente seriam da classe média e trabalhadora do país. Já as suas lideranças eram compostas por intelectuais e burocratas, e apesar de existirem "oportunistas", os membros seriam militantes e

[34] Ver original: "The social and economic backwardness of the country and the powerful role played by US business interest in the Guatemalan life provide the Communists with obvious ammunition."
[35] Ver original: "[...] they have not yet gained a substantial consistent popular following."

disciplinados, e líderes como José Manuel Fortuny e Victor Manuel Gutiérrez eram vistos como "figuras capazes".[36]

O embaixador Schoenfeld, em uma carta[37] ao assistente dedicado à inteligência do Secretário de Estado, John Foster Dulles, afirma que:

> Na Guatemala, nossa observação tem sido a de que os Comunistas até agora têm dedicado esforços minoritários em relação a obter controle de posições abertamente estabelecidas de formulação de políticas, mas têm mirado em instalar seu pessoal em posições nas quais irão dar vantagens sobre grupos influentes para atingir seus objetivos.[38]

Pelo que foi visto até agora, compreende-se que o governo dos Estados Unidos, tomando os documentos produzidos pela CIA, pelo Departamento de Estado e pela comunicação da embaixada dos EUA na Guatemala, interpretava uma suposta influência comunista na administração de Árbenz, nas instituições e confederações nacionais, como também em organizações populares, que tinham como foco pautas como a juventude, as mulheres e a paz. O fato de o PGT ter poucos membros e ocupar uma minoria no Congresso não excluía que eles poderiam estar influenciando os próximos rumos da política guatemalteca.

Essa "influência comunista" é identificada a partir de uma junção de fatos e informações coletadas, como a participação dos comunistas na legislação da reforma agrária, nas organizações laborais, e, nas viagens realizadas por comunistas para países pertencentes ao bloco soviético. Segundo Gleijeses (1991, p. 181-182), em março de 1953, por exemplo, integrantes do Congresso guatemalteco, após três horas de debate, levantaram-se para realizar uma homenagem ao falecimento de Joseph Stalin. O autor argumenta que o desejo de "dar um tapa nos Yankees"[39], frase dita em entrevista por um antigo congressista guatemalteco, explica

---

[36] Ver original: "There are probably less than 1,000 members of the Guatemalan Labor Party (Partido Guatemalteco de Trabajo, PGT). [...] Cell organization may be found in predominantly rural areas, but Communist strength is centered in the capital, Guatemala City. PGT membership is drawn from the middle class and labor and its leadership has come largely from among intellectuals and bureaucrats. On the whole, while there are opportunists and dilettantes in PGT, its membership is militant and well-disciplined. Leaders such as José Manuel Fortuny and Victor Manuel Gutiérrez are judged particularly capable."

[37] Letter From the Ambassador to Guatemala (Schoenfeld) to the Secretary of State's Special Assistant for Intelligence (Armstrong), Guatemala City, February 13, 1953. *In*: HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) *Foreign Relations of the United States*, 1952-1954: Guatemala. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 34.

[38] Ver original: "In Guatemala, our observation has been that the Communists have thus far dedicated rather minor efforts towards obtaining control of the openly established policy-making positions but have rather aimed at installing their people in positions which will give leverage over influential groups in order to achieve their aims."; tradução de minha autoria.

[39] Ver original: "to give a slap to the Yankees"; tradução de minha autoria.

o motivo do Congresso ter votado em sua maioria para realizar tal ato. Esse ato também demonstra como era o sentimento nacionalista guatemalteco, em que o imperialismo estadunidense era percebido como um obstáculo para soberania nacional.

Esses fatos supracitados geravam presunções a partir de uma ótica específica da política externa em meio à Doutrina Truman, que produzia uma narrativa exagerada dessas informações. O nacionalismo e as ideias "antiamericanas" serviriam, portanto, como ferramenta de propagação do comunismo no país. Os comunistas, então, de acordo com o que fora dito pelo embaixador dos Estados Unidos na Guatemala, independentemente de ser uma minoria no Congresso e de que Jacobo Árbenz, não fosse considerado pelo próprio embaixador Schoenfeld como um comunista, exerciam influência na Guatemala das formas mais variadas.

O anticomunismo como justificativa e ferramenta da intervenção na Guatemala

A política externa dos Estados Unidos na Guerra Fria, segundo Moniz Bandeira (2017, n.p.), não aceitava, especialmente nesse período de polarização geopolítica, a ideia de nacionalismo latino-americano, movendo esforços para combatê-los e os identificando como comunistas. O autor ainda argumenta que, "em seu extremado nacionalismo, jamais admitiram o nacionalismo dos povos da América Latina ou de qualquer outra região do mundo. Sempre o atribuíram, essencialmente, à inspiração estrangeira (comunista, durante a Guerra Fria), considerando-o grave ameaça à segurança dos Estados Unidos." No caso da intervenção da Guatemala, observava-se que, por conta da Revolução de 1944, havia uma ideia de nacionalismo guatemalteco, mas que rapidamente fora juntada pelos comunistas que haviam se aproximado de Árbenz. Pettinà (2005, p. 589) relata que, nos anos de 1950, "[...] Washington estava diante de um nacionalismo transbordante sobre o qual a política externa soviética parecia ter mais possibilidades de controle."[40] O nacionalismo latino-americano, embora existisse antes de 1950, passou ser visto como uma ferramenta para um controle soviético dos estados latino-americanos, pois, ao mesmo tempo que a URSS também era uma potência estrangeira, esse nacionalismo dos países latino-americanos representavam os ideais de libertação nacional e anti-imperialismo estadunidense. Pode se interpretar, então, que nos círculos internos do

[40] Ver original: "[...] Washington se encontraba frente un nacionalismo desbordante sobre el cual la política exterior soviética parecía tener más posibilidades de control."; tradução de minha autoria.

governo estadunidense, se tinha o pensamento que a União Soviética poderia exercer influência direta nos países da América Latina por conta desse nacionalismo.

No Departamento de Estado e na CIA, ao lado da embaixada dos Estados Unidos na Guatemala, durante a administração de Eisenhower, já se analisava a situação da Guatemala e por consequência o movimento nacionalista no país através de uma perspectiva anticomunista. Sendo assim, como de fato Árbenz era o representante máximo desse nacionalismo guatemalteco pós-1944, suas políticas e sua aproximação com indivíduos já identificados pelo governo dos EUA como comunistas fortaleciam a imagem de uma Guatemala "infiltrada" pelo comunismo.

Considerações finais

Visto o que foi discutido no artigo aqui apresentado, pode se interpretar, com base no que foi discorrido, que o anticomunismo foi o catalisador da deposição de Jacobo Árbenz, porém havia um antinacionalismo intrínseco na política externa estadunidense em relação à Guatemala de Árbenz. Esse anticomunismo, durante os governos de Truman e Eisenhower, desembocava em uma visão que interpretava determinadas ações nacionalistas do governo de Árbenz, como a reforma agrária, como práticas comunistas, por conta da informação de que havia comunistas próximos ao então presidente da Guatemala. Apesar de se apoiar em fatos, a participação dos comunistas e seu poder eram exageradamente interpretados pelos estadunidenses por meio dessa ótica anticomunista.

Referências

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **Formação do Império Americano***:* da guerra contra a Espanha à guerra no Iraque. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CULLATHER, Nick. **Secret History***:* The CIA's classified account of its operations in Guatemala, 1952-1954. Stanford, California: Stanford University Press, 2006.

GLEIJESES, Piero. The Agrarian Reform of Jacobo Árbenz. **Journal of Latin American Studies**, v. 21, n. 3, p. 453-480, 1989.

_____. **Shattered Hope***:* The Guatemalan Revolution and the United States, 1944-1954. Princeton: Princeton University Press, 1991.

HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) **Foreign Relations of the United States**, 1952-1954: Guatemala. Washington: United States Government Printing Office, 2003.

IMMERMAN, Richard H. **The CIA in Guatemala***:* The foreign policy of intervention. Austin: University of Texas Press, 2004.

KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F.; SLANY, Willian Z. (orgs.) **Foreign Relations of the United States**, 1952–1954. The American Republics. Volume IV. Washington: United States Government Printing Office, 1983.

PETTINÀ, Vanni. Del anticomunismo al antinacionalismo: La presidencia de Eisenhower y el giro autoritario en la América Latina de los años 50. **Revista de Indias**, v. LXVII, n. 240, p. 573-606, 2007.

RABE, Stephen G. **The Killing Zone**: The United States Wages Cold War in Latin America. Oxford Press, 2015.

RONIGER, Luis. Exílio massivo, inclusão e exclusão política no século XX. **DADOS – Revista de Ciências Sociais***,* Rio de Janeiro, v. 53, n. 1, 2010, pp. 91 a 123.

VICENTE, R. Un castillo armado: el primer golpe de la CIA en América Latina. **Ciclos en la Historia, la Economía y la Sociedad**, n. 43, 20 fev. 2014.

Fontes documentais

HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) **Foreign Relations of the United States**, 1952-1954: Guatemala. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 6.

HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) **Foreign Relations of the United States**, 1952-1954: Guatemala. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 12.

HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) **Foreign Relations of the United States**, 1952-1954: Guatemala. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 35.

HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) **Foreign Relations of the United States**, 1952-1954: Guatemala. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 27.

HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) **Foreign Relations of the United States**, 1952-1954: Guatemala. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 32.

HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) **Foreign Relations of the United States**, 1952-1954: Guatemala. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 33.

HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) **Foreign Relations of the United States**, 1952-1954: Guatemala. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 34.

HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) **Foreign Relations of the United States**, 1952-1954: Guatemala. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 39.

HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) **Foreign Relations of the United States**, 1952-1954: Guatemala. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 287.

HOLLY, Susan K.; PATTERSON, David S. (orgs.) **Foreign Relations of the United States**, 1952-1954: Guatemala. Washington: Government Printing Office, 2003. Documento 152.

KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F.; SLANY, Willian Z. (orgs.) **Foreign Relations of the United States**, 1952-1954. The American Republics. Washington: Government Printing Office, 1983, p. 1050-1052.

KANE, N. Stephen; SANFORD Jr., William F.; SLANY, Willian Z. (orgs.) **Foreign Relations of the United States**, 1952-1954. The American Republics. Washington: Government Printing Office, 1983, p. 1052-1055.

Recebido em 2024-12-27

Revisado em 2025-07-21

Aprovado em 2025-08-23